

DENISE CRISTINA AYRES GOMES

A MÍDIA COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO EM SAÚDE MENTAL

*LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN COMO
UNA FORMA DE CONSTRUCCIÓN SOCIAL DEL
CONOCIMIENTO EN SALUD MENTAL*

THE MEDIA AS A FORM OF SOCIAL
CONSTRUCTION OF MENTAL HEALTH
KNOWLEDGE

Recebido em: 30 jan. 2015

Aceito em: 22 mar. 2015

Denise Cristina Ayres Gomes: Universidade Federal do Maranhão (São Luís-MA, Brasil)
Professora e pesquisadora da UFMA. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela PUCRS, pesquisadora do G. Mídia, mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS.

Contato: dayres2@terra.com.br

ISSN (2236-8000)

resenha

RESENHA DE:

PALOMBINI, A. (org.); MARASCHIN, C. (org.); MOSCHEN, S. (org.).
Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental. Porto Alegre: Sulina,
2012. 223 p. ISBN 9788520506189.

O livro “Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental” aborda iniciativas que utilizam a comunicação midiática como forma de ressocializar pacientes psiquiátricos e divulgar ações para minimizar os preconceitos quanto às doenças mentais. A obra discute as experiências dos pesquisadores com usuários de serviços de saúde que desenvolvem plataformas e conteúdos para serem divulgados em diversas mídias. As oficinas produzem chats, blogs, fotografias, filmes e programas radiofônicos alternativos à grande mídia. A iniciativa constitui um dos pilares da reforma psiquiátrica que visa modificar o imaginário social sobre as doenças mentais promovendo a circulação da informação através dos meios de comunicação.

O Rio Grande do Sul é pioneiro nas discussões sobre a reforma psiquiátrica e se tornou o primeiro estado a aprovar a lei antimanicomial em 1992. A mudança na rede de assistência ao paciente gerou polêmica ao fechar manicômios e defender formas alternativas de tratamento. O livro, editado vinte anos após a aprovação da lei, resulta de três projetos de pesquisa-intervenção: “Oficinando em Rede”, o “Coletivo de Rádio Potência Mental” e a “Oficina de Imagens do CAPS” realizados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com apoio de serviços de saúde mental e uma rádio comunitária.

A obra é composta por 14 artigos divididos em cinco capítulos: “Oficinando em rede”, “Coletivo de Rádio Potência Mental”, “Oficina de imagens”, “Interlocações” e “Tecnologias de informação e comunicação na saúde mental: pesquisa e intervenção”. O primeiro capítulo, constituído por três artigos, apresenta o encontro entre um grupo de pesquisa - que possui abordagem interdisciplinar e estuda o uso da tecnologia para intervir nas áreas da educação, saúde e trabalho - e o serviço público de saúde mental do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre. Entre as várias oficinas ministradas, o exercício fotográfico causou impacto devido à representação da dura rotina no hospital. A exposição das imagens propicia novos “olhares” e discussões sobre o cotidiano dos pacientes. Outra experiência é a interação com jovens usuários de serviços de saúde mental a partir de jogos eletrônicos. A modalidade permitiu a criação de jogos, o compartilhamento de impressões e as vivências que foram disponibilizadas no blog da oficina para estimular a interação com a sociedade.

As tecnologias digitais podem, assim, ter alguma incidência na condição narrativa desses jovens, considerando que essas tecnologias tomam a cena social hoje. Elas incorporam-se ao desejo e forma de relacionar e operar dos coletivos, ao mesmo tempo em que disponibilizam novas oportunidades de conexão, compartilhamento e representação (p. 35).

O segundo capítulo do livro é composto por três artigos e apresentam o Coletivo de Rádio Potência Mental que produziu um programa

radiofônico com a participação de usuários de serviços de saúde mental. A iniciativa segue o exemplo da pioneira Rádio Tam Tam de Santos que revolucionou o tratamento de pacientes psiquiátricos na década de 80. O programa é veiculado na Rádio Comunitária Lomba do Pinheiro em Porto Alegre e permite que a experiência seja compartilhada em um meio de comunicação.

O capítulo detalha os bastidores do programa como organização, estrutura, processo de produção e veiculação. Os artigos relatam as experiências de campo e refletem sobre a construção coletiva do conhecimento com a interação de atores sociais de diversos segmentos e a apropriação dos meios de comunicação. Referenciando a obra de Pierre Levy, “as tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática” (2004), o texto evoca a atitude contemporânea na construção do pensar e agir em comunidade. O conhecimento é construído no coletivo, e as redes de comunicação proporcionam interatividade entre os vários segmentos sociais.

Os artigos narram situações inesperadas em que pacientes psiquiátricos desenvolvem novos modos de produzir conteúdos que não encontrariam espaço na mídia tradicional. A utilização do correio eletrônico, blogs e listas de discussão permite que o Coletivo da Rádio tenha visibilidade, interaja com a sociedade e participe do cenário público colocando em discussão temas antes restritos aos segmentos ligados à área da saúde.

O capítulo “Oficina de Imagens” apresenta três artigos que trazem as experiências de pacientes psiquiátricos graves atendidos no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no centro de Porto Alegre e produzem fotografias, documentários e filmes ficcionais. Os pacientes estabelecem uma nova relação com a realidade a partir do conhecimento da linguagem fotográfica e audiovisual. Afinal, o que pode ser considerado ficção ou realidade quando sujeitos psicóticos narram e registram suas histórias reais ou imaginadas? A oficina teve como objetivos compreender a produção de sentidos por meio de imagens e promover interações entre os participantes que encontram no audiovisual um meio de expressar os sentimentos.

“Como as tecnologias de informação e comunicação podem contribuir com a saúde mental, ou quais os seus modos de inserção nesse campo e na saúde coletiva?” (p. 159). As indagações permeiam o capítulo intitulado “Interlocuções”, composto por apenas um artigo. O texto reflete sobre o uso das tecnologias de massa que se desenvolveu na modernidade, época de crença na ciência, busca do ideal comum e utilização instrumental da tecnologia visando ao bem da humanidade. Com a crise dos saberes tradicionais, a relativização da verdade e do próprio conceito de doença mental, as tecnologias de comunicação em rede permitem a capilarização da informação e contribuem para ampliar as trocas, a circulação de sentidos e a autonomia dos atores sociais.

O capítulo final da obra intitulado “Tecnologias de informação e comunicação na saúde mental: pesquisa e intervenção” é composto por quatro artigos que discutem a proposta das atividades expostas anteriormente. O texto destaca o viés político ou de intervenção da pesquisa em que a produção de conhecimento também produz a realidade social quando enfrenta os desafios do coletivo.

O texto reitera o papel político e clínico das oficinas na constituição

da reforma psiquiátrica. As atividades criam alternativas terapêuticas aos pacientes internados em hospitais através da utilização de tecnologias de informação e comunicação. A mídia proporciona a construção coletiva do conhecimento ao permitir a interação entre os vários segmentos sociais. O livro é uma importante contribuição para fomentar que estudantes e profissionais da comunicação desenvolvam projetos alternativos ao uso massificado e estereotipado das mídias.